

A EXPRESSÃO DO CAPACITISMO NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PESQUISA SOBRE ACESSIBILIDADE PARA GRADUANDOS AUTISTAS

Solange Cristina da Silva ¹

RESUMO

O capacitismo, como expressão de discriminação e preconceito, a partir de concepções de incapacidade destinadas as pessoas em função de não corresponderem ao padrão normativo, é presente nas relações em outros diversos espaços, dentre eles na acadêmica. Nesse sentido, o referido artigo tem como objetivo compreender as expressões do capacitismo vivido por graduandos/as/es autistas no ensino superior brasileiro a partir de dados de tese sobre acessibilidade no ensino superior. De abordagem qualitativa, de cunho exploratório, esse estudo foi realizado a partir do recorte dos resultados de uma pesquisa doutoral realizada pela autora sobre acessibilidade para estudantes autistas no ensino superior brasileiro, que teve informações coletadas por meio de questionários estruturado (com questões abertas e fechadas) e entrevista semiestruturada com dez graduandos autistas matriculados em instituições públicas de ensino superior brasileiro em 2018. Com essa pesquisa, procuramos investigar como é expresso o capacitismo voltados à estudantes autistas no ensino superior. Apoiou-se, teoricamente, nos Estudos sobre Deficiência na Educação para discussão e análise dos dados. Os resultados indicaram o capacitismo presente no currículo, no fazer pedagógico, na gestão e atitudes das pessoas, como: desinteresse de professores na busca de alternativas metodológicas para a acessibilidade de autistas; ausência de formação docente; negligência da gestão em relação aos recursos e apoios necessários a acessibilidade; desconsideração dos professores frente a dificuldade de abstração dos autistas; não atendimento às necessidades do estudante por parte dos professores mesmo este tendo conhecimento sobre as mesmas; piadas contadas sobre autismo e preconceitos dos colegas. Consideramos que uma forma de eliminar ou reduzir o capacitismo no ensino superior é a formação de todos desse contexto a partir da compreensão da deficiência numa perspectiva com base nos Estudos da Deficiência.

Palavras-chave: Autismo, Capacitismo, Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

O capacitismo, termo bastante discutido na atualidade, foi traduzido do *Ableism* e introduzido no contexto brasileiro por Anahi Guedes de Mello (2014), que esclarece que o capacitismo é a concepção da suposta capacidade das pessoas sem deficiência, consideradas normais como padrão para destacar as supostas limitações das pessoas com deficiência, consideradas anormais, colocando-as numa posição de inferiores. Wolbring (2012) traz um entendimento sobre o capacitismo mais abrangente, o qual comporta diferentes expressões de preconceito que inferiorizam as pessoas fora do padrão de normalidade, diferenciando capacitismo de deficientismo, no qual o deficientismo é o preconceito relacionados as pessoas

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Coordenadora do Laboratório de Educação Inclusiva (LEdI/CEAD/UDESC) - SC, Membro da Rede Traduzir-se: autismo em primeira pessoa (UFVJM), solange.silva@udesc.br.

com deficiência especificamente. De acordo com esse autor (2012, p. 255, tradução nossa) “o capacitismo é um dos ismos mais socialmente arraigados e aceitos”, podendo se apresentar de diferentes formas: com base na estrutura biológica, na cognitiva, na social e na econômica. Campbell (2001), por sua vez, aborda o capacitismo como uma rede crenças, processos e práticas que produzem um tipo padrão da espécie humana e o que está fora dessa tipicidade é considerado sub-humano.

O capacitismo é estrutural e estruturante (Mello, 2016; Gesser; Block; Mello, 2020), pois ao mesmo tempo que constitui e condiciona sujeitos, ele se reproduz nas e pelas estruturas organizacionais, institucionais, produzindo formas de se relacionar baseado num padrão de normalidade.

A academia, por sua vez, não foge dessa estrutura normativa que condiciona relações a partir de um padrão corponormativo. Nesse sentido, objetivamos nessa pesquisa compreender as expressões do capacitismo vivido por graduandos/as/es autistas no ensino superior brasileiro a partir de dados de tese sobre acessibilidade no ensino superior (Silva, 2020). De abordagem qualitativa, de cunho exploratório, esse estudo foi realizado a partir do recorte dos resultados de uma pesquisa doutoral realizada pela autora sobre acessibilidade para estudantes autistas no ensino superior brasileiro, que teve informações coletadas por meio de questionários estruturado (com questões abertas e fechadas) e entrevista semiestruturada com dez graduandos autistas matriculados em instituições públicas de ensino superior brasileiro em 2018. O propósito é responder a pergunta: Como é expresso o capacitismo voltados à estudantes autista no ensino superior? Apoiou-se, teoricamente, nos Estudos sobre Deficiência na Educação para discussão e análise dos dados e nos autores/as Mello (2014); Sasaki (2014); Wolbring (2012) para a conceituação de capacitismo.

Entendemos o autismo, com base na neurodiversidade, como “variações neurocognitivas, parte da diversidade natural da constituição da espécie humana, que imprime diferentes modos de ser e estar no mundo” (MPSC, 2022, p. 12). É importante explicar que, conceber a deficiência como um aspecto natural não significa negá-la, mas colocá-la como parte das múltiplas características da pessoa e que intersecciona com outros marcadores sociais, desvendando seu caráter relacional.

Essa pesquisa justifica-se pelo fato de no período da sua execução haver uma escassez de pesquisa sobre a temática com estudantes universitários autistas (Gelbar, Smith e Reichow, 2014; Cintra, Jesuino e Proença, 2011); pelo aumento de ingresso de estudantes com deficiência no ensino superior, pelo fato de trazer informações dos acadêmicos autistas no âmbito nacional e pela contribuição para pensar políticas públicas e ações anticapacitistas nos contextos educacionais.

É importante destacar que, a compreensão do autismo expressa nesse texto parte do modelo social da deficiência que considera a deficiência como uma variação natural dentro da diversidade de possibilidades do que é ser humano e se ancora na neurodiversidade. Nessa perspectiva, a deficiência não como um problema individual, sendo que por ser relacional sujeito-ambiente, a pessoa com deficiência enfrenta barreiras de diferentes tipos como consequência de um contexto opressor e estigmatizante.

METODOLOGIA

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, com cunho exploratório-descritiva. Foi realizada a partir de dados secundários do recorte dos resultados de uma pesquisa doutoral sobre acessibilidade para estudantes autistas no ensino superior brasileiro (Silva, 2020), a qual contou com a participação de dez graduandos/as autistas matriculados em instituições públicas de ensino superior brasileiro em 2018. Seu registro e aprovação se deu pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) da Universidade Federal de Santa Catarina sob o CAAE n.º 90168618.9.0000.0121, seguindo todos os critérios éticos de pesquisa e anonimato dos partícipes.

O critério para participação foi ser estudante de graduação com autismo. Assim, participaram 10 estudantes, aos quais foram nomeados com nome de Deuses/as Gregos/as para preservar seu anonimato: Hera, Poseidon, Afrodite, Atenas, Hélios, Eros, Hermes, Apolo, Deméter e Ártemis. Conforme Silva (2020), dos 10 partícipes (estudantes com autismo), 60% (n=6) são do sexo masculino e 40% (n=4) são do sexo feminino. Em relação à cor/raça, 60% (n=6) são de raça branca, 30% (n=3) parda e 10% (n=1) preta. A condição econômica varia entre os partícipes, sendo que 20% (n=2) têm renda familiar de até um salário mínimo (R\$ 954,00) e deste, 1 tem bolsa de apoio (apoio permanência, apoio moradia, apoio material didático, apoio social, apoio alimentação ou outra); 30% (n=3) têm renda familiar de 2 a 4 salários mínimos (de R\$ 1.908,01 a R\$ 3.816,00); 30% (n=3) de 4 a 10 salários mínimos (de R\$ 3.816,01 a R\$ 9.540,00), sendo 1 deles com bolsa remunerada (bolsa de pesquisa, extensão, monitoria ou outra) e; 20% (n=2) têm renda familiar de 10 a 20 salários mínimos (de R\$ 9.540,01 a R\$ 19.080,00). A faixa etária varia, sendo 50% (n=5) de 17 a 21 anos, 40% (n=4) de 22 a 28 anos e 10% (n=1) não informou a idade. Estes estavam matriculados em cursos diversos como: Ciência da computação; Engenharia de Software; Biotecnologia; Ciências Econômicas; Licenciatura Artes Visuais; Biblioteconomia; Licenciatura em Teatro; Serviço Social; Artes plásticas; Turismo integrado com ensino médio – todos na modalidade presencial.

A pesquisa foi realizada por meio do ambiente virtual, garantindo a forma de expressão do partícipe de acordo com sua necessidade ou preferência (por e-mail, por WhatsApp [escrita], por WhatsApp [voz], por Hangout [sem câmera], por Hangout [com câmera] ou outro meio), inspirados pelas premissas do Desenho Universal para Aprendizagem, garantindo a ética do cuidado no campo das pesquisas acadêmicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram o capacitismo presente no currículo, no fazer pedagógico, na gestão e atitudes das pessoas, como: desinteresse de professores na busca de alternativas metodológicas para a acessibilidade de autistas; ausência de formação docente; desconsideração dos professores frente a dificuldade de abstração dos autistas; não atendimento às necessidades do estudante por parte do professores mesmo este tendo conhecimento sobre elas; piadas contadas sobre autismo e preconceitos dos colegas; negligência da gestão em relação aos recursos e apoios necessários a acessibilidade. Assim, destacamos algumas expressões de capacitismo no contexto acadêmico, denunciados pelos/as autistas, a partir das informações de Silva (2020):

[..]essas metodologias os professores não usam se a gente não ir atrás do Núcleo de atenção às pessoas com deficiência e necessidades especiais. [Eros, referindo-se a metodologias que atendam suas necessidades para garantir a acessibilidade educacional]

Método extremamente fechado sem nenhum uso de recurso que ative mais a cognição, o conteúdo simplesmente é passado rapidamente de forma fria. [Hélios]

[...]eles não entendiam quando eu estava com ledor ou não estava na sala para fazer prova. [Afrodite, referindo aos acadêmicos]

Abstrações que não fazem sentido são comuns. [Poseidon]

Professores, também, parecem ter dificuldade em explicar de forma mais concreta e/ou simples. [Atenas]

As salas parecem confusas e os professores às vezes se referem aos lugares por apelidos que eu não associo imediatamente ao local. [Hermes]

Os professores não são preparados. [Deméter, se referindo aos recursos e metodologias em sala de aula]

Uma das principais dificuldades no ambiente acadêmico para um autista, é lidar com o despreparo dos profissionais em geral. [Apolo]

Não acreditam, ou me subestimam ou superestimam (gênio ou retardado). [Hera, referindo-se ao fato de ela ter autismo]

[...] muitos professores que acham que adaptações são... sei lá, um tratamento VIP ou alguma coisa assim, especial. [Atenas]

Às vezes, é difícil escutar opiniões cheias de preconceitos [...] muitos colegas que ridicularizam outras pessoas com deficiência. [Atenas]

Eu geralmente noto as pessoas me olhando com mau olhado. Porque eu sou muito desastrado [Eros]

Se você coloca acessibilidade, se você diminui os barulhos, a sobrecarga sensorial, se você cria outras unidades de restaurante universitário para evitar estar superlotado, isso vai melhorar para todo mundo, né? Quando você aumenta a acessibilidade você melhora a vida de todos, não só da pessoa com deficiência. [Atenas]

Existem ambientes que são totalmente pensados para pessoas neurotípicas, para não autistas, e que acabam sobrecarregando ou negligenciando algumas das nossas necessidades, como a iluminação, porque muitos de nós se incomoda com o barulho que as lâmpadas fluorescentes fazem [...]. [Apolo]

Não consigo escrever oralmente o que as pessoas falam, pois tento prestar atenção no que elas falam. Assim não consigo fazer anotações, pois não posso fazer duas coisas ao mesmo tempo. [Ártemis, referindo-se a falta de suporte de acessibilidade]

O capacitismo presente no currículo e a ausência do cuidado no planejamento docente, intensifica essa expressão criando barreiras para a aprendizagem e na relação com os/as estudantes autistas. Bock, Gesser e Nuernberg (2019), defende a adoção do Desenho Universal para Aprendizagem, enquanto expressão da ética do cuidado e enfrentamento dos currículos capacitistas.

O capacitismo constitui-se em uma barreira atitudinal que, além de dificultar o processo ensino aprendizagem também pode, como afirma Eros (Cf. Silva, 2020), estimular a tendência ao isolamento.

A falta de formação é relatada pelos partícipes da pesquisa como, também, a negligência de alguns professores que, sabendo da necessidade do estudante a ignora, conforme mostrado anteriormente são formas de capacitismo. A formação docente é fundamental para a ressignificação do conceito de deficiência, proporcionando uma visão social da deficiência, bem como o conhecimento de algumas especificidades comuns em autistas para que saibam que existe a possibilidade de disfunção executiva, hipersensibilidade auditiva, dentre outras,

oportunizando com isso atitudes anticapacitistas. Alguns estudos (ORRÚ, 2003; CASTRO, ALMEIDA, 2014; SILVA, ROZEK, SEVERO, 2018) demarcam a importância da formação docente para o desenvolvimento do trabalho com o estudante com autismo. Cabe a gestão e as políticas públicas oportunizar essa formação a todos os profissionais da universidade. Por outro lado, o profissional que tem a informação/conhecimento e a ignora, cria uma barreira que impede o acesso e conhecimento ao estudante, indo na contra mão do processo de inclusão.

Consideramos que a formação é fundamental, mas não pode ser imobilizadora ou impeditivo da atitudes sensíveis, respeitosas e acolhedoras das diferenças. A relação com o estudante autista é imprescindível para conhecer suas necessidades educacionais, bem como quando necessário, o contato com o Núcleo de Acessibilidade Educacional, já constituído nas universidades federais e em muitas estaduais.

Piadas e comentários que ridicularizam ou invalidam as pessoas com deficiência são capacitismos que expressam a concepção de deficiência e o lugar que essas pessoas ocupam nessa sociedade normocêntrica. Barreiras atitudinais são as principais barreiras à acessibilidade, pois elas estão na base de todas as outras e as potencializam, já que estão atreladas a concepção de deficiência. Para que a inclusão possam se efetivar, essas barreiras devem ser eliminadas e para tanto, uma cultura de justiça social, de respeito as diferentes possibilidades de ser e estar no mundo devem ser construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão e acessibilidade andam de mãos dadas. Acredita-se que o primeiro passo para se obter condições adequadas de acessibilidade aos estudantes com autismo é proporcionar ações que resultem no rompimento do capacitismo presente no espaço acadêmico.

Para se romper com o capacitismo e suas consequências nocivas ao processo acadêmico dos estudantes autistas, sugere-se: a formação docente, discente, dos gestores e dos profissionais envolvidos no contexto acadêmico; a inclusão da deficiência no conteúdo acadêmico como variação humana; incorporação da deficiência no currículo como natural e transversal, trazendo autistas pesquisadores, artista e das diferentes áreas para compôr os diversos conteúdos ministrados; adoção de práticas voltadas a ética do cuidado e a partir dos princípio do DUA; protagonismo e participação desses estudantes nos diversos espaços de discussões e deliberação na academia; promover maior diálogo entre o estudante com autismo e os docentes; considerar os estudantes a partir de sua experiência interseccional, considerando os diferentes marcadores

identitários; investir na acessibilidade e eliminação de barreiras de acesso e ao conhecimentos a todos/as os/as estudantes.

Acreditamos que somente com uma junção de forças entre gestores, professores, profissionais dos mais diversos segmentos internos à universidade e governamentais conseguiremos uma Universidade inclusiva e pautada na justiça social.

REFERÊNCIAS

BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. O Desenho Universal Para Aprendizagem Como Um Princípio Do Cuidado. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32 (Publicação Contínua), p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/34504/html_1>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAMPBELL, Fiona Kumari. Inciting Legal Fictions: “Disability’s” date with Ontology and the Ableist Body of Law. *Griffith University*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 42-62, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10072/3714>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

CASTRO, Sabrina Fernandes de; ALMEIDA, Maria Amélia. Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 20, n. 2, p. 179-194, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/03.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2016.

CINTRA, Rosana Gonçalves Gomes; JESUINO, Mirtes dos Santos; PROENÇA, Michele Alves Muller. As possibilidades da EaD no processo de inclusão no ensino superior da pessoa com autismo. *Anhanguera Educacional Ltda.*, São Paulo, v. 14, n. 17, p. 71-86, 2011.

DOMINGS, Yvonne; CREVECOEUR, Yvel Cornel; RALABATE, Patricia Kelly. *Universal Design for Learning: Meeting the Needs of Learners with Autism Spectrum Disorders*. In: *Technology Tools for Students with Autism Innovations that Enhance Independence and Learning*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 2014. p. 21-41.

GELBAR, Nicholas; SMITH, Isaac; REICHOW, Brian. Systematic Review of Articles Describing Experience and Supports of Individuals with Autism Enrolled in College and University Programs. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [s. l.], v. 44, n. 10, p. 2593-2601, 2014. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24816943>>. Acesso em: 27 maio. 2017.

GESSER, M.; BLOCK, P.; MELLO, A. G. Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, M.; BÖCK, G. L. K.; LOPES, P. H. (orgs.). *Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social*. Curitiba: CRV, 2020.

MELLO, Anahí Guedes de. *Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo: Uma Análise Antropológica de Experiências, Narrativas e Observações Sobre Violências Contra Mulheres Com Deficiência*. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MELLO, Anahí Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s. l.], v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016001003265&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE SANTA CATARINA (MPSC). Carta Educacional da Neurodiversidade. 2022. Disponível em: <https://documentos.mpsc.mp.br/portal/manager/resourcesDB.aspx?path=5864>. Acesso em: 02 maio 2023.

ORRÚ, S. E. A formação de professores e a educação de autistas. *Revista Iberoamericana de Educación*, [s. l.], [s.n.], p. 1-14, 2003. Disponível em: <<https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/FORMAÇÃO-DE-PROFESSORES-PARA-A-EDUCAÇÃO-DE-AUTISTAS.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Capacitismo, incapacitismo e deficientismo na contramão da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação Reação*, [s. l.], n. 96, p. 11-13, 2014. Disponível em: <<http://www.revistareacao.com.br/revista/ED96.pdf>>. Acesso em: 28 maio. 2017.

SILVA, Solange C. Da. Acessibilidade para Estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, Karla Fernanda Wunder; ROZEK, Marlene; SEVERO, Gabriela. A formação docente e o Transtorno do Espectro Autista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PESSOA ADULTA, SAÚDE E EDUCAÇÃO (SIPASE), IV, Porto Alegre. Anais..., Porto Alegre: PUCRS, 2018. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14643/2/A_formacao_docente_e_o_transtorno_do_espectro_autista.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2018.

WOLBRING, Gregor. Expanding Ableism: Taking down the Ghettoization of Impact of Disability Studies Scholars. *Societies*, [s. l.], n. 2, p. 75-83, 2012. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2075-4698/2/3/75/pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.